

Infância, poesia e horror: traduções dos poemas das crianças do campo de concentração nazista de Terezín

Luciane Bonace Lopes Fernandes

Resumo: Este artigo apresenta e discute brevemente sete poemas realizados por crianças e jovens durante a Segunda Guerra Mundial no campo de concentração nazista de Terezín, escritos originalmente em língua tcheca e traduzidos para a língua portuguesa, com o objetivo de corroborar os estudos e pesquisas sobre o Holocausto, auxiliando a construção de conhecimento sobre as percepções de crianças e jovens em relação ao universo concentracionário. A metodologia se pautou na identificação e leitura de material bibliográfico. De forma geral, esses poemas expressam diferentes aspectos do universo concentracionário e revelam a ampla consciência do meio e grande sensibilidade expressiva dos autores, apesar da pouca idade.

Palavras-chave: Poesia; Infância; Campo de Terezín

Abstract: This paper presents and briefly discusses seven poems written by children and young people during World War II in the Nazi concentration camp of Terezín, originally written in Czech language and translated to Portuguese, with the aim of corroborating the studies and research about the Holocaust, helping to build knowledge about the perceptions of children and young people about concentration universe. The methodology was based on the identification and reading of bibliographic material. In general, these poems express different aspects of the concentration universe and reveal the broad awareness of the context and the expressive sensitivity of the authors, despite their young age.

Keywords: Poetry; Childhood; Camp of Terezín

Mediante a extrema crueldade perpetrada pelos nazistas nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, apontamos a relevância da

produção de testemunhos sobre sua existência e veracidade, durante ou após os eventos, e da lírica na crítica à barbárie e na expressão da catástrofe. Dessa forma, este artigo propõe apresentar e discutir brevemente sete poemas realizados por crianças e jovens durante a Segunda Guerra Mundial no campo de concentração nazista de Terezín, localizado na atual República Tcheca. Escritos originalmente em língua tcheca e aqui apresentados com tradução¹ para a língua portuguesa, esses poemas vêm corroborar os estudos e pesquisas sobre o tema, auxiliando a construção de outros conhecimentos sobre as percepções de crianças e jovens em relação ao universo concentracionário. Consideramos o conjunto de poemas produzidos pelas crianças em Terezín um importante registro histórico na medida em que são a expressão poética das experiências individuais e compartilhadas de crianças e jovens que passaram pela dura realidade dos campos nazistas. Nasceram da tentativa de conciliar a experiência humana e a linguagem verbal, refletindo aspectos do universo concentracionário, cumprindo, assim, seu papel social e histórico de denúncia e rememoração dos mortos. Paradoxalmente, estes poemas testemunham, por meio da livre expressão artística, a falta de liberdade dos sujeitos da experiência.

De acordo com Volavková (1978), foram entregues ao Museu Judaico Estadual, atual Museu Judeu de Praga, em 03/11/1952 pela Sra. Anna Flachová, sobrevivente de Terezín, 42 poemas manuscritos e 24 poemas datilografados que

1 A proposta de traduzir alguns dos poemas produzidos pelas crianças em Terezín da língua de origem para o português só pôde começar a ser colocada em prática após 18 meses de estudo instrumental da língua tcheca, o que se mostrou quase insuficiente para a tarefa, dada a complexidade dessa língua. Um suporte de extrema importância para o processo de tradução foram as diversas leituras realizadas sobre o universo concentracionário, a partir de diferentes autores, e o conhecimento dos fatos históricos que elucidaram os poemas. O fato de alguns desses poemas possuírem versão em língua inglesa auxiliou o processo de tradução dos originais para a língua portuguesa, ao mesmo tempo que revelou problemas na tradução de língua inglesa.

Basicamente, nos debruçamos sobre cada verso, observando a estrutura da frase, conjugações verbais e declinações. Posteriormente trabalhamos cada estrofe, estabelecendo relações entre os versos, e, por fim, o poema como um todo, buscando, a partir da tradução primária, encontrar as palavras mais adequadas dentro do contexto de produção.

Nesse processo, encontramos alguns desafios, que foram vencidos pelo desejo de compreensão dos poemas em sua língua original. Um deles foi a indisponibilidade de dicionários mais elaborados. Outro desafio foram os arcaísmos presentes nos poemas. Nesses casos e para revisão geral das traduções, contamos com as contribuições fundamentais de Helena Hrdličková, professora de Língua Tcheca do Consulado Geral da República Tcheca em São Paulo, e de Michaela Foretová, mestrande de Língua Portuguesa da *Univerzita Karlova* de Praga.

Como os poemas foram escritos por crianças e jovens que tiveram sua experiência escolar interrompida durante a guerra, encontramos erros na grafia de algumas palavras, o que também dificultou o trabalho.

eram propriedade de seu marido, o Sr. Viteslav Hanuš, que havia sido professor no alojamento L417 (para meninos entre 8 e 16 anos).

Os horrores vivenciados em campos de concentração e guetos durante a Segunda Guerra Mundial foram ponto de partida para a criação artística em diversas linguagens. De forma geral, os poemas realizados pelas crianças em Terezín apresentam imagens, metáforas, rimas, questionamentos, reflexões e caracterizam-se por abordar o universo concentracionário em todo seu sofrimento, irracionalidade e horror. Chama-nos atenção a ampla consciência do meio e grande sensibilidade expressiva dos autores, apesar da pouca idade.

Em Terezín, as iniciativas artísticas e culturais foram amplamente fomentadas pelos líderes judaicos e apoiadas por artistas, compositores, músicos, atores, diretores, escritores, cientistas e professores que ali viveram. As crianças foram incentivadas a expressarem-se por meio da música, do teatro, da poesia e das artes visuais. Essas, por sua vez, não buscaram apenas representar o sofrimento, mas antes, *sobreviver* a ele. Ao realizarem registros poéticos das coisas observadas e vivenciadas, por meio de um olhar profundo e sensível, as crianças desenvolveram um modo singular de falar de si próprias, de suas angústias, medos, inquietações e frustrações.

O campo de Terezín foi uma estrutura única no sistema concentracionário. Se configurou como paradoxo da criação e da destruição, ambas convivendo juntas entre paredes imundas e arames farpados. Campo transitório para judeus do Protetorado da Boêmia e da Morávia, a cidade-fortaleza, construída em 1780 pelo Imperador da Áustria José II, tinha o intuito de abrigar seu exército e protegê-lo. Com excelentes fortificações, muros altos, diversas edificações militares e estando localizada próxima à malha ferroviária e à 60 km de Praga, a cidade de Terezín se mostrou o local propício para o rápido estabelecimento de um campo de transição.²

Na tentativa de abafar os rumores de que Hitler estaria exterminando o povo judeu durante a Segunda Guerra, o campo de Terezín foi escolhido pelos nazistas

2 Na virada do século XX, o escritor austríaco Ferdinand von Saar fez uma breve descrição da cidade de Terezín: “[...] Pois além da praça principal, cercada por duas fileiras de árvores, onde havia praticamente apenas edificações militares, existiam apenas quatro ruelas. Estas seguiam no sentido dos pontos cardeais, em direção às portas de entrada e às muralhas, e nelas localizavam-se principalmente casinhas muito pequenas, quase cabanas [...]” (SAAR apud KLÜGER, p. 75). Uma descrição mais detalhada de Terezín encontra-se em FERNANDES, Luciane Bonace Lopes. *Pelos olhos da criança: concepções do universo concentracionário nos desenhos de Terezín*. 2015, 468 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

para receber a visita de uma delegação composta pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha e por representantes da Dinamarca e da Suécia e fornecer-lhes um alibi. Transformações significativas na aparência exterior do campo iniciaram-se na primavera de 1943.

Durante todo o verão daquele ano o campo passou por um processo de embelezamento, preparando-se para receber a delegação que, em hipótese alguma, deveria presenciar a real situação dos prisioneiros. A ideia era esconder a realidade atrás de uma fachada reluzente. Os edifícios e ruas foram limpos pelos prisioneiros e a praça central recebeu um belo gramado e canteiros de flores. Bancos, para o descanso principalmente dos idosos, foram instalados em diversos lugares, bem como lojas, *playgrounds*, berçários e escolas. Placas nas ruas indicavam a localização dos correios, da piscina e do café. O embelezamento também chegou ao interior de alguns dormitórios e alojamentos, especialmente aqueles que deveriam ser visitados pelo Comitê da Cruz Vermelha. As saudações compulsórias aos oficiais nazistas foram abolidas e a área restrita aos judeus ampliada.

Para solucionar o problema da superlotação, em maio de 1944, 7.500 prisioneiros foram deportados para *Auschwitz* – doentes, especialmente as 1.200 pessoas contaminadas com tuberculose, portadores de deficiências, órfãos, prisioneiros acometidos de desnutrição, ou qualquer um que ameaçasse causar má impressão. Um plano detalhado foi traçado para que nenhum imprevisto ou erro pudesse desmascarar a farsa criada pelos nazistas. A programação das atividades dava ao campo ares de normalidade.

A delegação, composta por três membros – dois dinamarqueses, Frant Hvass e Juel Henningsen, e um funcionário do Comitê Internacional da Cruz Vermelha –, acompanhados por um número considerável de funcionários nazistas do alto escalão, representantes da Cruz Vermelha alemã e pelo chefe da liderança judaica em Terezín, o Dr. Paul Eppstein, visitou o campo em 23 de junho de 1944.

Na sede da administração judaica, o Dr. Paul Eppstein forneceu aos visitantes falsos dados referentes aos habitantes do gueto, às taxas de mortalidade, à distribuição de comida, entre outras coisas. A visita percorreu pontos do campo como a lavandeira, os refeitórios, os alojamentos dos trabalhadores dinamarqueses e dos prisioneiros proeminentes, padarias, hospital infantil, farmácia, banco, correios, lojas, açougues e outras instituições fictícias criadas especialmente para a ocasião. “A velha escola, que ficava próxima do escritório de engenharia e que até então servira de hospital, foi pintada e recebeu carteiras escolares”. Um aviso foi afixado na porta: “Fechada para férias”. Em pouco tempo, as vitrines das lojas

estavam cheias de carne, frutas, legumes, linguiça, mas aos prisioneiros não era permitido consumir nada.³

A visita incluiu um almoço e uma apresentação da ópera *Brundibár*,⁴ ensaiada e executada pelas crianças do campo. O processo de embelezamento⁵ se estendeu por mais algumas semanas depois da visita da delegação, quando um macabro filme⁶ foi produzido no campo, entre agosto e setembro, outra mentira encenada sob forte ameaça nazista. O filme nunca chegou a ser exibido em público. Em abril de 1945, a delegação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha realizou outra visita à Terezín, novamente com relatório positivo em relação à situação dos prisioneiros.

3 BRENNER, Hannelore. *As meninas do quarto 28: amizade, esperança e sobrevivência em Theresienstadt*. São Paulo: LeYa, 2014, p. 293-294.

4 Para mais informações sobre *Brundibár*, (FERNANDES, 2015).

5 Trechos do diário de Pajík, sobrevivente de Terezín: “17 de junho de 1944: Papai e eu andamos através de Terezín e nós nos admiramos com a relativa beleza dessa cidade. Quando eu penso sobre minha chegada em Terezín, e Terezín naquele tempo e agora, eu concluo que houve uma tremenda mudança. Há bancos em todo lugar, as casas estão arrumadas etc. Por outro lado, quando eu vejo através das janelas da Kavalírka [um prédio para moradia dos anciãos], as pessoas – os idosos, todos amontoados – a impressão correta de Terezín retorna. Para os nazistas isto é apenas um mero detalhe”.

“21 de junho de 1944: Na sexta-feira haverá a chegada da Comissão. O que está acontecendo, ninguém pode acreditar. Apartamentos bonitos, Epstein [o administrador judeu] recebeu um carro, as crianças devem cantar, e nos escritórios há o aviso: ‘Não fume durante o trabalho’, Rahm [o Comandante SS] está completamente mudado”.

“23 de junho de 1944: Este é o Dia da Comissão.... Hoje o almoço está sendo servido entre 10:00 e 12:00. Nós temos língua, purê de batatas, cebolas e salada de pepino. Os números dos transportes não existem, Epstein está dirigindo seu próprio carro, etc. Há um *Apell* [chamada] para instruir cada pessoa sobre seu quarto e mais algumas perguntas etc. A Comissão já está dentro. Epstein está liderando a Comissão. As crianças devem gritar, ‘*Onkel Rahm, schon wieder Sardinen*’, que significa, ‘Tio Rahm, sardinhas de novo?’. A Comissão consiste em aproximadamente dez homens. *Brundibár* [a ópera infantil] está sendo apresentada por todo o dia. A banda também está tocando. Haindl e Bergel, os oficiais da SS, usam roupas de civis. Na *basta* [área gramada entre os muros], há partidas [futebol] ocorrendo e todos estão esperando pela Comissão. Os entregadores da padaria usam luvas. Todas as pessoas estão observando a Comissão da Cruz Vermelha. A Comissão está no correio e é esperada na escola. Nós somos forçados a ler. Os visitantes irão apenas ver a Sala 1” (GRUENBAUM, 2004, p. 44-45, tradução nossa).

Trecho do diário de Misa, sobrevivente de Terezín: “Depois que o pessoal da Cruz Vermelha foi embora, as latas de sardinhas foram tiradas de nós” (GRUENBAUM, 2004, p. 85, tradução nossa).

6 A produção do filme coube ao diretor, dançarino, ator judeu-alemão e prisioneiro Kurt Gueron. A maioria do elenco, juntamente com o diretor, foi enviada para *Auschwitz* e assassinada nas câmaras de gás. O nome original do filme é *Theresienstadt: Ein Dokumentarfilm aus dem jüdischen Siedlungsgebiet*, “Terezín: um documentário sobre a zona de povoamento judeu”.

<p><i>Jak se to vezme</i>, Miroslav Košek</p> <p>I.</p> <p><i>Terezín ted v plně⁷ kráse, zjeví se v tvém oku a s všech ulic zaznívá dusot lidských kroků.</i></p> <p><i>Tak to aspon vidím, v Terezínském ghettu, ten čtverečný kilometr, Odloučen je světu.</i></p> <p>II.</p> <p><i>Však smrt ta je v celém světě, všecky lidi kosí, i ty co vždy nosívají vzbuřru svoje nosy.</i></p> <p><i>Spravedlnost také v celém světě vládne a chudému muží, hořké sousto sládně.</i></p>	<p><i>Tudo depende do ponto de vista</i></p> <p>I.</p> <p>Terezín agora em plena beleza, aparece nos teus olhos e de todas as ruas ressoa o barulho de passos humanos.</p> <p>Então, assim eu vejo, o gueto de Terezín, este quilômetro quadrado, Separado do mundo.</p> <p>II.</p> <p>Porém, a morte está no mundo inteiro, Ceifa toda gente, mesmo aqueles que sempre têm seus narizes empinados para o alto.</p> <p>A justiça também o mundo inteiro governa e dos homens pobres, transforma o bocado amargo em doce.</p>
---	--

Miroslav Košek foi uma das milhares de crianças deportadas para Terezín durante a Segunda Guerra Mundial. Miroslav nasceu em 30/03/1932, em Hořelice, na Boêmia, e foi deportado de Kladno para Terezín em 26/02/1942, aos 9 anos e 11 meses, onde permaneceu até os 12 anos e 7 meses, quando foi deportado e morto em *Auschwitz*, em outubro de 1944. Esses dados, retirados da base de dados de vítimas do Holocausto na antiga Tchecoslováquia, e seus poemas,⁸ são as únicas informações que encontramos sobre essa criança.

7 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*plně*”.

8 Os poemas de autoria individual ou compartilhada de Miroslav Košek que encontramos na bibliografia consultada e no site do Museu Judeu de Praga são *Myška*, *Člověk mívá*, *Pánbůh mění*, *Jak se vezme*, *Jaro* e *Jo, Jo, to je tak*.

Embelezamento do campo e desumanização dos prisioneiros eram processos que ocorriam em paralelo. A farsa apresentada aos integrantes do Comitê Internacional da Cruz Vermelha de forma alguma convenceu as crianças pois, por mais que os educadores e cuidadores tenham trabalhado para minorar seu sofrimento, “a vida em Terezín as penetrava”⁹ e consumia, aos poucos, sua saúde e esperanças.

Hanuš Hachenburg corajosamente expressou as agruras do campo, não por meio de simples descrição dos fatos observados, mas a partir de uma reflexão poética da realidade. Passado, presente e futuro se encontram nos versos do poema intitulado *Terezín*, que Hanuš escreveu para expressar a ruptura e o isolamento promovidos pela guerra e o desejo de retorno ao lar e à infância.¹⁰ Aqui, “o *eu lírico* abandona sua individualidade para abranger a coletividade dos prisioneiros do campo, transformando-se em um “*nós-lírico*”.¹¹ O olhar de Hanuš se amplia para os outros que, como ele, estão privados de seus direitos”.¹² Esse poema, um dos mais significativos da coleção do Museu Judeu de Praga, foi escrito entre 24/10/1942 e 18/12/1943, período em que Hanuš esteve confinado no campo. Hanuš nasceu em Praga, em 12/07/1929, e viveu em Terezín entre seus 13 anos e 3 meses e 14 anos e 5 meses, quando foi deportado e morto em *Auschwitz*. Hanuš foi criado pela mãe e provavelmente nunca conheceu o pai. Antes de ser

9 Das anotações de Jirí Weil, publicadas em: HRIBKOVÁ, Hana. *Jirí Weil: a scientist and initiator of exhibitions of children's drawings from Terezín*. Centro de Estudo do Holocausto e da Literatura Judaica. Faculdade de Filosofia da Charles University de Praga, República Checa. [Online]. Disponível em <http://sites.ff.cuni.cz/holocaust/wp-content/uploads/sites/122/2013/11/hana-hribkova-jiri-weil-a-scientist-and-initiator-of-exhibitions.pdf>. Acesso em jul. 2017. Tradução nossa. p. 7.

10 “Segundo Déborah Dwork, essa cisão ocorria na deportação aos campos de concentração, que decretava o fim da infância. Ali, separados de seus familiares e sem os seus poucos pertences deixados no gueto, as crianças só sobreviveriam na seleção inicial se fossem vistas como adultas, ou seja, capazes de trabalhar. As crianças cujos corpos frágeis e emaciados depois de anos vivendo no gueto não lhes permitia serem vistas como capazes, eram imediatamente levadas para os crematórios. A infância se encerrava definitivamente, tanto para aquelas que receberam a chance de sobreviver sem direito à infância e que se tornaram adultos prisioneiros de um campo onde eram forçadas a trabalhar, ou para aquelas que sequer receberam seu direito de viver, quanto menos de ter uma infância” (ANDRÉ, Thaily Viviane. *As crianças no gueto de Lodz: vidas e mortes no segundo maior gueto judeu da Polônia ocupada, 1941-1944*. 2018, 243 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Judaicos e Árabes) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 158).

11 (HEISE, 2008). Nesse mesmo sentido, Guinzburg afirma que “Adorno acredita que, ao abordar uma individualidade, um poema é capaz de apontar elementos referentes a uma coletividade” (GUINZBURG, Jaime. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. *Revista Alea*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, jan/jul 2003, p.).

12 (FERNANDES, 2018, p. 52).

deportado para Terezín, Hanuš vivia em um orfanato em Praga. Seus primeiros poemas foram escritos nesse local. Em sua chegada, Hanuš foi enviado ao Lar n. 2 do alojamento L417. Valtr Eisinger, cuidador do Lar n. 1, logo percebeu seu incrível talento para escrita e o transferiu para seu Lar, onde Hanuš permaneceu até a deportação para o campo familiar de *Auschwitz-Birkenau*.¹³ Hanuš era muito admirado por seus colegas no Lar e contribuiu sobremaneira com textos, peças teatrais e poemas para a revista *Vedem*,¹⁴ escrita pelos meninos do alojamento L417 e com circulação clandestina em outros alojamentos. Alguns sobreviventes do campo familiar em *Auschwitz* se lembram de Hanuš. Nesse campo ele continuou escrevendo poemas.¹⁵ Encontramos um site¹⁶ holandês que intenta rememorar e divulgar o trabalho realizado pelos meninos do Lar n. 1, alojamento L417. Ele apresenta 7 poemas de Hanuš Hachenburg traduzidos para o inglês. Na bibliografia de Krizková, *et alii* (1994), encontramos 17 poemas da criança traduzidos para o inglês, sendo que 6 deles foram “publicados” na revista *Vedem* entre 1942 e 1944. O site do Museu Judeu de Praga apresenta apenas 2 poemas de Hanuš, ambos em língua tcheca.

13 O campo familiar em *Auschwitz-Birkenau* era composto por prisioneiros provenientes de Terezín, deportados para *Auschwitz* em família, organizados à espera da inspeção do Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Como a Cruz Vermelha deu-se por satisfeita com a inspeção realizada em Terezín, 6 meses após a deportação os cerca de 5.000 prisioneiros do campo foram assassinados nas câmaras de gás. O campo familiar possuía educadores e cuidadores que ensinavam de forma bastante informal e entretinham as crianças com histórias, jogos e canções. O responsável pelo bloco das crianças desse campo era um jovem atleta e líder da juventude sionista da cidade alemã de Aachen, chamado Fredy Hirsch. Hirsch se suicidou em 1944, quando as crianças do campo foram enviadas às câmaras de gás. Para mais informações sobre o campo familiar de *Auschwitz-Birkenau* consultar: ITURBE, Antonio G. *A bibliotecária de Auschwitz: um romance baseado numa história real*. Rio de Janeiro: Agir, 2014 e KULKA, Otto Dov. *Paisagens da metrópole da morte*. reflexões sobre a memória e a imaginação. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

14 As crianças em Terezín também produziram revistas que circulavam clandestinamente pelos alojamentos. Algumas ficaram bastante conhecidas como *Kamarád* (22 números), *Rim-Rim-Rim* (sinal de reunião da turma, chegou a 21 números), *Vedem* (os mais de 50 números foram escritos pelos meninos do alojamento L417 que fundaram a *República Skid*) e *Nesar*. Eram manuscritas e ilustradas com lápis de cor e aquarela. Além de poemas, traziam críticas sobre o cotidiano do gueto, histórias em quadrinhos e narrativas de aventura.

15 Um deles, intitulado *The gong*, se tornou muito popular. O poema é baseado no toque de despertar ouvido pelos prisioneiros todas as manhãs. “Em seus sonhos, eles haviam retornado para seus lares, e este era o gongo que os trazia de volta para a realidade implacável do campo de concentração, com fome, sujeira e constante ameaça de morte” (KRIZKOVÁ, *et alii*, 1994, p. 183, tradução nossa).

16 Hanushachenburg.org.

Terežín, Hanuš Hachenburg

Ta troška špiny v spinavých zdech
a kolem ta trocha drátů
A 30.000 kteří spí
kteří se jednou probudí
a kteří jednou uvidí
rozlitu svoji vlastní krev

Byl jsem kdysi¹⁷ dítětem
před 3 lety.
To mládí toužilo po jiné světy
Nejsem již dítětem
Viděl jsem nach
ted již jsem dospělým
poznal jsem strach

krvavé slovo a zabítý den;
to již je jiné než bubáci jen!

Avšak já věřím, že dneska jen spím,
že s svým dětstvím se navrátím
s tím dětstvím tam jak s planou růží
jak s zvonem který ze sna ruší
jak se matkou která vadné dítě
miluje nejvíc ženstvím zpitě;
jak brožné mládí, které pak¹⁸
po nepříteli, po provaze,
jak brožné dětství jež v svůj
kelín
si řekne: ten dobrýn - ten zas zlý¹⁹.

Tam v dále kdys spí dětství sladce
v těch cestičkách tam ve stromovce

Terežín

Um pouco de sujeira nas sujas paredes
e ao redor um pouco de arame
E 30.000 que dormem
que um dia despertam
e um dia passam a ver
seu próprio sangue derramado

Outrora fui uma criança
há 3 anos atrás.
De uma juventude que ansiava por outro mundo
Já não sou mais criança
Eu vi um mundo melhor
agora já sou adulto
conheci o medo

palavra sangrenta e dia morto;
isso é diferente de fantasmas apenas!

No entanto eu acredito, que hoje apenas durmo,
que à minha infância voltarei
voltarei à infância como uma rosa silvestre
como um sino que desperta de um sonho
como uma mãe cujo filho adocece
ama-o maternalmente;
como uma juventude terrível, que depois
com inimigo, com força,
como uma infância terrível que no seu colo
diz: estes são bons – estes são maus.

Em algum lugar distante a infância está doce-
mente adormecida

17 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “jinhš”.

18 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “pa”.

19 O trecho grafado não está perfeitamente compreensível. A tradução realizada foi a mais próxima possível, dentro do que, ao nosso ver, faz sentido de acordo com o contexto de produção.

tam nad tím domen kde²⁰ se sklání
 kde zbylo pro mne pohrdání
 tam kdesi v zahradách a ve květu
 kde y matky jsem se zrodil k světu
 abych plakal...

V plameni svíčky na pelesti spím
 a jednou snad již pochopím
 že byl jsem hrozně malý tvor
 zrovna tak malý jak ten chor

těch 30.000 jejichž²¹ život spí.
 tam v stromovkách se probudí
 otevře jednou oči své
 a poněvadž mnoho prohlédne

tak usne zase²² ...

naqueles caminhos entre as árvores
 lá onde sobre a casa se curvam
 onde restou só desprezo para mim
 em algum lugar nos jardins e em flor
 onde minha mãe me trouxe ao mundo
 para chorar...

Na luz da chama da vela eu durmo
 E talvez um dia entenda
 que fui uma criatura muito pequena
 pequena assim como esta estrofe

aqueles 30.000 cuja vida dorme.
 lá entre as árvores despertam
 um dia abrirão seus olhos
 e como veem claramente

irão adormecer de novo...

Em uma reunião da SS, em outubro de 1941, ficou definido que, em adição à função de campo de transição, Terezín também serviria como um lugar de di-zimação, onde um número significativo de prisioneiros morreria como resultado das insuportáveis condições de vida. O campo também foi chamado de “Sala de espera de *Auschwitz*”.

Diferentemente do cenário encontrado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, Terezín, assim como outras centenas de campos e guetos, era um lugar imundo, de fome e de doenças, tanto que, das aproximadamente 144.000 pessoas que por lá passaram, cerca de 33.000 morreram de fome ou de doenças. Os alojamentos eram sujos, extremamente frios no inverno e insuportavelmente quentes no verão. Com roupas inapropriadas, as crianças em Terezín sofreram ao enfrentar o frio europeu durante os longos invernos em que lá estiveram aprisionadas.

20 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*kdes*”.

21 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*jivbž*”.

22 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*zas*”.

<p><i>Jaro</i>, Miroslav Košek</p> <p>I.</p> <p>Přišlo slavné jaro, přišlo s velkým spěchem, a po celém světě, dýchá teplím / I / dechem.</p> <p>II.</p> <p>Zelená se luka, probouzí se sad, a zmizela již zima a utekl chlad.</p> <p>III.</p> <p>I květiny rozkvétají²³, ptáci šveholí²⁴. Jaro mocně vládne, v lese – na poli.</p>	<p><i>Primavera</i></p> <p>I.</p> <p>Chegou a famosa primavera, chegou com grande pressa, e em todo o mundo, respira-se um fôlego quente.</p> <p>II.</p> <p>O campo verdeja, O pomar acorda, e já desapareceu o inverno e fugiu o frio.</p> <p>III.</p> <p>Mesmo as flores estão se abrindo, os passarinhos cantando. A primavera com poder governa, na floresta – no campo.</p>
---	--

A falta de higiene acarretou a proliferação de inúmeras doenças,²⁵ entre as mais frequentes a gastroenterite,²⁶ doença crônica do campo e a maior causa de morte. Havia pouca água para a higiene pessoal e as crianças tinham que conviver com o mau cheiro dos lares e umas das outras.

Em 1944, houve em Terezín uma epidemia de tifo, moléstia transmitida por piolhos, pulgas e carrapatos, acarretada pela chegada ao campo de cerca de

23 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “rozkvétají”.

24 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “šveholí”.

25 Helga Pollak, sobrevivente do quarto 28 do alojamento L410 registrou em seu diário, em 29 de novembro de 1943, que nesse período praticamente todas as meninas do Lar sofreram de encefalite, ou “doença do sono”, como era chamada. Além das crianças, muitos adultos foram infectados por essa doença.

26 Infecção causada por vírus, bactéria ou fungo cujos sintomas mais comuns são diarreia, vômito e dor abdominal. Outros possíveis sintomas são febre, falta de energia e desidratação. As medidas de prevenção dessa doença são ligadas à higiene constante, principalmente das mãos, ao consumo de água potável e ao saneamento.

13.000 prisioneiros retornados do Leste europeu, alguns infectados. A doença rapidamente se espalhou, causando grande temor.

Elie Wiesel (2001) declarou que mais forte que a fome e o frio era o medo. Os habitantes de Terezín também vivenciaram um profundo medo proveniente da ameaça constante de deportação²⁷ para os campos do Leste europeu. Mesmo sendo um lugar ruim, Terezín ainda era melhor que os campos de extermínio.²⁸

Eva Picková expressou seu medo e desespero no poema *Strach*. Eva nasceu em 15/05/1929 e foi deportada de Nymburk para Terezín em 16/04/1942. A criança foi novamente deportada em 18/12/1943, sendo enviada para *Auschwitz*, lugar onde foi assassinada. Por essas datas e pela informação que consta no corpo do poema original – “Eva Picková, 12 anos, Nymburk” –, pressupomos que este poema tenha sido escrito logo que Eva chegou a Terezín, antes de seu aniversário de 13 anos.

²⁷ O total de prisioneiros deportados de Terezín para os campos do Leste europeu foi 86.934. Para alguns autores esse número gira em torno de 88.000. Desses, pouco menos de 3.000 sobreviveram. De acordo com Bosi, (2003): “Ao Conselho judaico incumbia a tarefa de fazer a lista dos que seriam deportados. O horror da deportação acompanha os prisioneiros noite e dia. Quem não tivesse alguma proteção (buscada com desespero) poderia estar na próxima lista dos comboios para o leste. [...] O limite extremo do medo vem da operação de escolha para as câmaras de gás (*Selektion*)”. p. 89.

²⁸ Klüger, (2005), registrou: “[O] campo estava inteiramente à mercê de uma vontade anônima, segundo a qual corria-se o risco de ser deportado a qualquer momento para um campo de terror qualquer, apenas obscuramente identificável. Pois *Theresienstadt* significava os transportes para o leste e estes ocorriam em intervalos imprevisíveis, tal qual catástrofes naturais”. p. 80.

<p><i>Strach</i>, Eva Picková</p> <p>Dnes nová hrůza ghetto jímá. nemoc zlá před sebou šíří děs. Smrt v ruce lednou kosu třímá, Oběti stíná své – divý běs.</p> <p>Dnes otcům strachem srdce bije A matky sklání hlavu v dlaň.</p> <p>Ted děti dává tyfu zmyje / !/ A z jejich řad si bere daň.</p> <p>Dnes ač mé²⁹ srdce ještě tepe. Mé družky odcházejí v onen³⁰ svět A člověk neví, zdali není lépe. Než totó vidět – raději zemřít hned.</p> <p>Né – vždýt chceme, Bože, žíti. My nechceme³¹ <u>ztenčit</u> počet našich řad. My chceme svět svůj lepším učiniti, Nesmíme umřít – chceme pracovat.</p>	<p><i>Medo</i></p> <p>Hoje um novo temor abraça o gueto. uma doença ruim espalha o terror. A morte empunhando sua foice fria, Matando suas vítimas – que horror.</p> <p>Hoje o coração dos pais bate com medo E mães curvam a cabeça sobre a palma das mãos. Agora a víbora sufoca as crianças com tifo! E delas cobra um imposto.</p> <p>Hoje, mesmo que meu coração ainda pulse. Minhas companheiras irão para outro mundo E ninguém sabe, se não seria melhor. Em vez de ver isso – melhor morrer agora.</p> <p>Não – queremos pois, oh Deus, viver. Nós não queremos diminuir nosso número. Nós queremos tornar nosso mundo melhor, Não podemos morrer – nós queremos trabalhar.</p>
---	--

Assim como os prisioneiros de Terezín lutavam para erradicar pragas como piolhos, pulgas e percevejos, que infestavam o campo, incomodando sobremaneira o descanso e o sono e transmitindo doenças, os nazistas, adotando prioridade semelhante, arquitetaram e levaram a efeito a limpeza e erradicação de “uma raça parasita e hedionda que suja a pureza do povo autêntico”.³² “O processo de desumanização imposto pelos nazistas aos prisioneiros apresentou diferentes frentes, todas [...] muito cruéis”³³, entre elas a fome crônica que provocava um impulso

29 O Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*me*”.

30 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*onem*”.

31 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*nechcem*”.

32 GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, esquecer, escrever*. São Paulo: Editora 34, 2006. A autora continua afirmando que insiste “nessas metáforas de higiene, de limpeza sim, de dedetização, porque elas são a contrapartida dessa construção, denunciada por Adorno e Horkheimer, de um ideal pseudo-natural e originário de pureza, de nitidez, de determinação viril unívoca, sem deslizes, dúvidas ou desvios, com uma sexualidade higiênica e familiar”. p. 69-70.

33 (FERNANDES, 2018, p. 49).

instintivo que suprimia toda racionalidade e moralidade. Em Terezín, a fome foi companheira constante dos prisioneiros. Tudo o que pudesse ser ingerido servia de alimento a eles.

<p><i>Myška</i>, Koléba (Miroslav Košek, Jindřich Löwy, Bachner)</p> <p>I.</p> <p>Myška sedí v pelíšku, chytá blechu v kožíšku. Chytit jí však nemůže, zalezla jí do kůže. Točí se stále dokola. Ta blecha ta je potvora!</p> <p>II.</p> <p>Přišel její tatínek³⁴, Prohlédl jí kožíšek. Chytil blechu v okamžiku, Upekł jí na rendlíku. Myška volá na dědu: Máme blechuk obědu.</p>	<p>O ratinho</p> <p>I.</p> <p>Um ratinho sentado em sua cama, caçando uma pulga em seus pelos. Apanhá-la, contudo, não pode, escondeu-se dentro da pele. Dá voltas ao redor sem parar. Esta pulga é uma pestinha!</p> <p>II.</p> <p>Chegou seu pai, Examinou seus pelos. Apanhou a pulga num instante, E assou-a na çaçarola. O ratinho chama o avô: Temos pulga para o almoço.</p>
--	--

O poema *Myška* tem autoria compartilhada. Foi escrito por três meninos que provavelmente viviam no mesmo lar do alojamento L417. O grupo foi intitulado “Koléba” em referência a seus sobrenomes: *Miroslav Košek*, *Hanuš Löwy* e *Bachner*.

Hanuš Löwy nasceu em Ostrava, em 29/06/1931. Em 30/09/1942, Hanuš foi deportado dessa cidade para Terezín, aos 11 anos e 3 meses, permanecendo no campo até os 13 anos e 4 meses, quando foi deportado e morto em *Auschwitz*, em 04 de outubro de 1944. Não encontramos outras informações sobre Hanuš. A terceira criança a compor o trio, *Bachner*, não foi identificada pelo Museu Judeu de Praga. Ao pesquisarmos por nome, faixa etária e sexo, a base de dados de vítimas do Holocausto retornou uma possibilidade,³⁵ sem podermos afirmar.

34 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “tatíček”.

35 Kurt Bachner, nascido em 18/08/1929, deportado de Ostrava para Terezín em 30/09/1942 e novamente deportado, e morto, em *Auschwitz* em 05/10/1942. Outra possibilidade seria Richard Bachner,

Usando a imaginação e demonstrando grande sensibilidade, as crianças foram capazes de perceber e simbolizar a realidade, atribuindo sentido a diferentes aspectos do contexto concentracionário. A fome, *sentida* pelas crianças (ratinho) e *observada* pelos autores nos idosos (“O ratinho chama o avô:/ Temos pulga para o almoço”) e a aproximação da figura humana a de ratos, “raça parasita e hedionda”, demonstra consciência do meio bastante desenvolvida, principalmente em relação às formas de extermínio do povo judeu – na concepção nazista, povo a ser erradicado por completo, começando por aqueles não aptos ao trabalho, como crianças e idosos.

Em Terezín, a superlotação tornou ainda mais grave a fome. A cidade-fortaleza foi construída para abrigar até 7.000 pessoas, entretanto, durante a Segunda Guerra Mundial chegou a abrigar 60.000 prisioneiros.³⁶ Cerca de 30 crianças viviam em quartos (Lares) de aproximadamente 30 m². Cada dormitório possuía 24 lugares para dormir e uma mesa. Não havia espaço para as crianças guardarem seus pertences pessoais. Alguns desenhos realizados pelas crianças no campo nos dão pistas de que elas colocavam suas malas embaixo dos beliches ou fixavam pregos nas paredes para pendurar roupas, bolsas e outros objetos. As crianças passavam a maior parte do tempo nos quartos. Desde a fundação do campo, o Conselho Judaico havia decidido que os idosos deveriam abdicar de parte de sua ração em favor de crianças e jovens. Dessa forma, muitos idosos morreram de fome em Terezín: “aos velhos são dadas quantidades menores e eles rondam as latas de lixo em busca de comida”.³⁷

nascido em 28/12/1929, deportado de Praga para Terezín em 20/11/1942, mas a descartamos porque essa criança foi deportada para *Auschwitz* em 26/01/1943 e um dos poemas do *corpus* escrito pelo trio Koléba está datado como “26.II.1944”.

36 No decorrer da Segunda Guerra Mundial, 76.000 prisioneiros foram deportados para Terezín de 151 comunidades judaicas nas regiões da Boêmia e Morávia, 42.000 prisioneiros foram deportados da Alemanha, 1.100 da Hungria, 4.900 da Holanda, 15.000 da Áustria e 466 da Dinamarca.

37 BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 88.

<p><i>Jo, jo, to je tak</i>, Koléba (Miroslav Košek, Jindrich Löwy, Bachner)</p>	<p><i>Sim, sim, isto é assim</i></p>
<p>I.</p> <p>V Terezínském tak zvaném sadě, sedí jakýs dědeček, místo někde na zahradě. Vousy má na svoji bradě, a na hlavě čepeček.</p>	<p>I.</p> <p>No assim chamado pomar de Terezín, sentado está um avô, em algum lugar do jardim. Barba tem no seu queixo, e na cabeça um solidéu.</p>
<p>II.</p> <p>Tvrký chleba v zubech khřupe, zub má už jen jediný. Ubohý můj starý khřupe, místo housky linzenzupe ubohé mě šediný.</p>	<p>II.</p> <p>Pão duro nos dentes tritura, dente tem apenas um. Meu pobre velho tritura, em vez de pãozinho macio, <i>linzenzupe</i>³⁸ meu pobre grisalho.</p>

Em suas memórias e reflexões sobre o universo concentracionário, Primo Levi, na obra *É isto um homem?*, registrou, especificamente no capítulo “O canto de Ulisses”, sua urgência em explicar a Jean, o *Pikolo* do campo, o que seria este “*come altrui piacque*”, esta “vontade superior”, presente nos versos do Canto XXVI da Divina Comédia, de Dante Alighieri, canto em que Ulisses narra sua morte. Ao estabelecer relações entre o universo concentracionário e o canto dantesco,³⁹ Levi o reelabora no interior de sua própria experiência pessoal, no momento em que a vive, e encontra significado para seu sofrimento,⁴⁰ assim como Ulisses, que compreende e expressa seu destino a seus companheiros por meio do canto. Levi se identifica com o herói grego e com a possibilidade de ir além dos limites impostos, não por Deus, como no caso de Ulisses, mas pelos próprios homens: “enquanto *Auschwitz* representa a punição aplicada pela Alemanha nazista ao povo judeu por sua audácia intelectual [...], o naufrágio de Ulisses é a punição de um Deus que não

38 Do alemão, “sopa de lentilhas”, mas a grafia correta é “*linsensuppe*”.

39 Referências à *Divina Comédia* estão presentes em todo o livro, inclusive a metáfora da viagem pelo mar e do naufrágio, presente nos termos “afogados” e “sobreviventes”, em referência, respectivamente, àqueles que desaparecem no campo e àqueles que conseguem sobreviver.

40 “É como se eu também ouvisse isso pela primeira vez: como um toque de alvorada, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci quem sou e onde estou” (LEVI, 1988, p. 116).

tolera a audácia do homem”. Para Levi, “ultrapassar os limites é a mensagem que diz respeito a todos os homens”.⁴¹ Dessa forma, Levi compreende seu “castigo” como a imposição de “uma vontade superior” que rompe com a racionalidade do mundo e transforma a condição do homem em tempos de guerra. O poema *Člověk miní, Pánbůh mění* escrito pelo trio Koléba expressa, de alguma forma, esse “castigo” e evoca, já no título, a distância entre aquilo que se espera e a realidade concentracionária comandada por “uma vontade superior”.

<p>Člověk miní⁴², Pánbůh mění⁴³, Koléba (Miroslav Košek, Jindřich Löwy, Bachner)</p>	<p><i>O homem planeja, Deus muda</i></p>
<p>I.</p> <p>Kdo byl v Praze vez nemocný, kdo byl v Praze boháč, v Terezíně chudák on je, na tělo fáč za fáčem.</p>	<p>I.</p> <p>Quem estava doente em Praga, quem era rico em Praga, em Terezín é um pobre homem, seu corpo está sempre ferido.</p>
<p>II.</p> <p>Kdo byl kdysi otužilý, vydrží tu dobu. Kdo byl zvyklý na posluhu, sklátí se do hrobu.</p>	<p>II.</p> <p>Quem outrora era resistente, Suporta tudo aqui. Quem era acostumado a ter servos, Irá descer à sepultura.</p>

Apesar da fome, das doenças, da ausência de espaço e liberdade de ir e vir e das constantes deportações, o campo de Terezín ficou conhecido por sua rica vida cultural. Em Terezín as crianças enfrentaram o processo de desumanização utilizando a arte como ferramenta. Os poemas produzidos por elas se configuram como luta contra a imposição de uma apatia generalizada, evocada pela figura do muçulmano descrita por Levi (1988) e (2004), e contra o processo de desumanização. Além de ferramenta de sobrevivência física e resistência cultural e espiritual diante da barbárie nazista, a arte em Terezín serviu também como um testemunho da vida cotidiana do gueto e como espaço simbólico de reflexão sobre a condição do homem, buscando respostas a questões existenciais.

41 MAURO, Claudia Fernanda de Campos. O mito de Ulisses em *Se questo é un uomo*. *Rev. Let.*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 37-49, jan./jun. 2012.

42 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*miní*”.

43 Aqui foi realizada uma correção na palavra. No documento original lê-se “*mění*”.

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, Thaily Viviane. *As crianças no gueto de Lodz: vidas e mortes no segundo maior gueto judeu da Polônia ocupada, 1941-1944*. 243 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Judaicos e Árabes) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.
- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W. Crítica cultural e sociedade. In: *Primas: Crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARENDT, Hannah. *Os campos de concentração*. Tradução: Rafael Rocca dos Santos. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, n. 15, p. 280-305, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BETTELHEIM, Bruno. *O coração informado: autonomia na era da massificação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRENNER, Hannelore. *As meninas do quarto 28: amizade, esperança e sobrevivência em Theresienstadt*. São Paulo: LeYa, 2014.
- CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. Rio de Janeiro: Vozes, 1967.
- FERNANDES, Luciane Bonace Lopes. *Concepções do universo concentracionário: diálogos entre os poemas e desenhos das crianças de Terezín*. 2018, 127 f. + anexos. Relatório Final (Pós-Doutorado em Metodologia do Ensino e Educação Comparada) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- FERNANDES, Luciane Bonace Lopes. *Pelos olhos da criança: concepções do universo concentracionário nos desenhos de Terezín*. 2015, 468 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FRANKL, Viktor Emil. *El hombre en busca de sentido*. 10º ed. Barcelona: Herder, 1989.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GINZBURG, Jaime. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. *Revista Alea*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, jan/jul 2003.
- GRUENBAUM, Thelma. *Nesarim: child survivor of Terezín*. Portland: Vallentine Mitchell, 2004.

HEISE, Eloá. Poesia após Auschwitz. In: SOUSA, Celeste Ribeiro de (Org.). *Poéticas da violência: da bomba atômica ao 11 de setembro*. São Paulo: Humanitas, 2008.

HRIBKOVÁ, Hana. *Jirí Weil: a scientist and initiator of exhibitions of children's drawings from Terezín*. Centro de Estudo do Holocausto e da Literatura Judaica. Faculdade de Filosofia da Charles University de Praga, República Tcheca. [Online]. Disponível em <http://sites.ff.cuni.cz/holokaust/wp-content/uploads/sites/122/2013/11/hana-hribkova-jiri-weil-a-scientist-and-initiator-of-exhibitions.pdf>. Acesso em jul. 2017.

ITURBE, Antonio G. *A bibliotecária de Auschwitz*: um romance baseado numa história real. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?* Com o Diário de Lili Jaffe, 1944-1945. São Paulo: Editora 34, 2012.

JAKOBSON, Roman Ossipovitch. O que é a poesia? In: TOLEDO, Dionísio; KRISTEVA, Julia (Orgs.). *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.

JAKOBSON, Roman Ossipovitch. O que fazem os poetas com as palavras. *Revista Colóquio/ Letras*, Lisboa, n 12. p. 5-9. mar. 1973.

KERMODE, Frank. *Um apetite pela poesia: ensaios de interpretação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Editora 34, 2005.

KŘÍŽKOVÁ, Marie Rút; KOTOUČ, Kurt Jiří; ORNEST, Zdeněk. *We are children just the same: VEDEM, the secret magazine by the boys of Terezín*. Estados Unidos: Paul R. Wilson, 1994.

KULKA, Otto Dov. *Paisagens da metrópole da morte: reflexões sobre a memória e a imaginação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LEIRNER, Giselda. *Nas águas do mesmo rio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

LERNER, Sílvia Rosa Nossek; BORGES, Sônia. A arte produzida durante o holocausto. *WebMosaica* – Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Rio Grande do Sul, v. 4, n 1, jan/jun, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/31824>. Acesso em abr. 2015.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MAKAROVA, Elena. *Friedl Dicker-Brandéis: Vienna 1898 – Auschwitz 1944*. Estados Unidos: Tallfellow Press, 1999.

MARKO, Leslie Evelyn Ruth. *Teatro de Sami Feder: espaço poético de resistência nos tempos do Holocausto (1933-1950)*. 414 f. Tese (Doutorado em Letras Orientais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

MAURO, Cláudia Fernanda de Campos. O mito de Ulisses em *Se questo é um uomo*. *Revista Let.*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 37-49, jan/jun 2012.

MUNKOVÁ, Alena. Entrevista. [s.d.]. Centropa. *Instituto Histórico Judeu de Viena*. Disponível em: <http://www.centropa.org/biography/alena-munkova>. Acesso em jan. 2018.

NAUROSKI, Sílvia Aparecida. *Caminho poético e a experiência do Holocausto na obra de Rose Aïsländer*. 137 f. + anexos. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

RUBIN, Susan Goldman. *Fireflies in the dark*. The story of Friedl Dicker-Brandeis and the children of Terezín. New York: Scholastic, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Imagens de Terezín: a arte entre o testemunho e a resistência*. *Revista 18: Centro de Cultura Judaica*, São Paulo, Ano III, (09), p. 32-33, set/out/nov. 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes*, Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

THOMSON, Ruth. *Terezín: voices from Holocaust*. Somerville: Candlewick Press, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *Diante do extremo*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

VOLAVKOVÁ, Hana. ... *I never saw another butterfly*... Children's drawings and poems from Terezín concentration camp, 1942-1944. Praga: Schocken Books, 1978.

WALDMAN, Berta. Badenheim, 1939: escritura e violência. In: SOUSA, Celeste Ribeiro de (Org.). *Poéticas da violência*. Da bomba atômica ao 11 de setembro. São Paulo: Humanitas, 2008.

WEISS, Helga. *O diário de Helga Weiss: o relato de uma menina sobre a vida em um campo de concentração*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

WIESEL, Elie. *A noite*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

Sites

Base de dados das vítimas do Holocausto na República Tcheca: <http://www.holocaust.cz/>

Museu Judeu de Praga: <http://www.jewishmuseum.cz/>

The Central Database of Shoah Victims' Names: <http://db.yadvashem.org/names/search.html?language=en>